

Pequeno Sonho

Português

Enviado por: aquiasvalasco@seed.pr.gov.br

Postado em: 31/05/2012

Meu pequeno sonho é que não haja mais aulas de português que não sejam aulas de português. Chega de aulas para dividir palavras em sílabas, ditar com pronúncias artificiais, copiar do quadro, sublinhar substantivos, “tirar” verbos da segunda conjugação, responder a perguntas bobas para supostamente verificar a compreensão de frases banais como “O burrinho subiu a montanha para pastar” (Quem subiu a montanha?).

Muitas aulas de gramática também são bem bobas. Alguém sabe por que as aulas de todos os anos começam com sujeito e predicado? Já imaginaram aulas de matemática recomeçando sempre com soma e multiplicação? As adjetivas explicativas estão entre vírgulas? E quem colocou as vírgulas? Deus? Alá? O Papa? O Neymar? Meu sonho geral inclui que se leia muito e durante as aulas. E que os textos lidos sejam comentados e que sejam os que mexem com a cabeça dos alunos, que os colocam “pra cima”, que exigem que seus cérebros trabalhem. E que as músicas que eles eventualmente ouçam não sejam da marca Michel Teló – para isso não precisam sair de casa. Mas meu principal pequeno sonho tem a ver com escrita. Escreve-se mais hoje – com os meios eletrônicos – do que antes, o que gera um pouco de otimismo. Mas eu me refiro à escrita “trabalhada”, discutida, analisada. As aulas são para escrever e revisar textos. O professor no papel de revisor, como numa editora, é bem mais interessante do que como simples corretor. É que as atividades em torno dos textos devem fazer sentido histórico. E a revisão tem esse sentido (quem quiser ler sobre isso pode pedir como presente o livro *Inscrever & Apagar*, de Roger Chartier). Vou mostrar um pouco disso “revisando” dois tipos de texto: um antigo é um de aluno; que todos diriam que é ruim. Em relação aos dois, a atividade sugerida é do mesmo tipo: reescrever. Num caso, para atualizar (dicas sobre edição e reedição são bem-vindas). No outro, para adequar ou revisar (dicas sobre a norma são importantes). Considere-se este texto do século XIV: “Comta-se que huu leom era tam velho que se nom podia mouer; e emcontrou com huu asno e com huu touro e com huu porco. Veendo estes que o leom per velhiçe nom se podia mouer, disseram antre si”... (Nota: “huu” deveria ter um til no primeiro “u”, mas minha máquina não sabe fazer isso; marquei a diferença com itálico). Numa aula de português, os alunos reescreveriam este texto de modo a torná-lo atual, de modo a poder ser publicado numa edição moderna, sem pretensões filológicas. Certos fatos devem ser comentados: as mudanças regulares (mesmo que pareçam ser só de escrita) devem ser anotadas (por exemplo: mouer > mover, huu > um, leom > leão, nom > não etc., de pronúncia ou de escrita; e pelo menos uma sintática: nom se podia mouer > não podia se mover, não podia mover-se). Desenvolvem-se assim a capacidade de observação e a consciência linguística. O resultado da revisão seria (pode haver soluções alternativas): “Conta-se que um leão era tão velho que não podia se mover / mover-se (mexer, andar). Encontrou um asno (burro), um touro e um porco. Vendo que o leão, por (por causa de) sua velhice, não podia se mover (andar etc.), disseram entre si”... Outro trecho é o início de um texto de aluno de terceira série, coletado e analisado por Eglê Franchi em *A Redação na escola*: e as crianças eram difíceis (quem não sabe o que fazer nas aulas pode aprender quase tudo de que precisa lendo este livro). “Eu e meu golega fomos pescar no riu comesou a puxar e ele viu e puxou e o ansol enroscou e ele subiu na árvore para denherosça e o ansol caio dreto do riu”. É claro que o texto tem problemas. Mas também tem virtudes, muita coisa

bem escrita. Além de ser um começo engraçado de uma história de pescaria. Se lemos este texto junto com alguns antigos, nos quais a grafia resultava de tentativas dos escritores e não era fruto de uma lei, nosso pessimismo pode diminuir. Além disso, é para que os alunos possam aprender que existe a escola. Se soubessem escrever corretamente desde sempre, as aulas não seriam necessárias. Pode-se reescrever o texto por etapas. Sugiro começar pela grafia (mas se poderia começar pela pontuação ou preenchendo “lacunas”). Mais ou menos assim: “Eu e meu colega fomos pescar no rio começou a puxar e ele viu e puxou e o anzol enroscou e ele subiu na árvore para desenroscar e o anzol caiu dentro do rio” Tudo pode ser comentado à medida que se arruma o texto: alguns erros de grafia decorrem da pronúncia (riu), outros, do sistema (s / z em anzol); especialmente, é bom mostrar que, se o aluno escreveu “enroscou”, poderia ter errado menos escrevendo “desenroscar”. Em seguida, pode-se mexer na pontuação, o que pode exigir outras pequenas alterações (eliminar ocorrências de “e”, por exemplo). Sempre há várias alternativas. Uma pode ser: “Eu e meu colega fomos pescar no rio. Começou a puxar. Ele viu e puxou. Mas o anzol enroscou e ele subiu na árvore para desenroscar. O anzol caiu dentro do rio”. O texto pode ser alterado de outras formas, para torná-lo um pouco mais “elegante”. Por exemplo: “Eu e meu colega fomos pescar no rio. Os peixes começaram a beliscar. Ele viu e puxou o anzol, mas (o fez com muita força e) o anzol acabou enroscando na árvore. Teve que subir para desenroscar, mas então o anzol caiu no rio / na água”. Pode-se reescrever este texto durante uma manhã inteira, acrescentando dados como mencionar tipos de peixes, de iscas, dar o nome da árvore, informar se o rio era fundo ou perigoso, se a pescaria acontecia de tarde ou ao anoitecer, se pescavam para comer ou por diversão etc. Se uma “classe” fizer este tipo de trabalho duas vezes por semana durante cinco anos, é certo que o domínio da escrita acabará sendo quase sofisticado. O único “equipamento” exigido é um professor que saiba fazer isso... O texto antigo que citei acima eu o li na Antologia Nacional, livro em que aprendi de fato a ler durante meu “ginásio”. Inclui textos de todas as épocas, comentados em seus aspectos gramaticais e históricos, sem nenhum viés – nem contra, nem a favor. Mesmo sem que se estude explicitamente variação linguística ou história da língua, vai ficando claro que as lições de gramatiquinha são ridículas quando comparadas ao que os textos mostram e ensinam. Os alunos merecem uma razão escolar melhor. Notícia publicada no Terra Magazine. Todas as informações nela contida são de responsabilidade do autor.